

**U**ma conversa quinzenal entre João Branco e um artista cabo-verdiano, em tom descontraído, sobre a arte, a vida e as nossas pequenas inquietações. Desta vez, em exclusivo para o Jornal **A NAÇÃO**, a conversa é com o Mito Elias, uma alma irreverente que conquistou a pulso o seu lugar no panorama das artes plásticas cabo-verdianas. No seu ateliê, em pleno Bairro Alto, o artista fala da sua obra e das suas inquietações.

**A NAÇÃO** - Já se pode dizer que a tua arte tem uma identidade própria?

Mito Elias - Sim, tem.

**E o que é que define essa identidade?**

Não sei, a imagética, talvez.

**Ou seja, olhamos para um quadro teu e mesmo se ele não estiver assinado, sabemos que é do Mito Elias?**

Acho que é isso, o público já se habituou. Quer dizer, algum público. Aquele que conhece o meu trabalho.

**Do ponto de vista conceptual, ou se quisermos, de um ponto de vista filosófico ou mesmo pessoal, o que caracteriza essa identidade conquistada? Como é que poderíamos caracterizar a alma da tua pintura?**

Para mim é bastante difícil falar do meu trabalho. Dissecar o meu trabalho dentro desses parâmetros. Porque eu estou aqui, estou a trabalhar e nem sequer penso sobre essas coisas. Portanto, trabalho como quem vai construindo uma torre. Muitas vezes deixo-me levar pelo instinto, o que não quer dizer que não considere o processo conceptual primordial também.

**Porquê?**

Porque há certos parâmetros e limites que me imponho para que isto seja o que é. Senão passa a ser outra coisa qualquer. Deixa de ser uma pintura do Mito.

## A obra que fala

**Não pensas que um dos problemas que se pode colocar em relação à classe artística cabo-verdiana é que reflecte pouco sobre o próprio trabalho?**

Eu acho que na maior parte das vezes a maioria dos artistas reflecte mesmo pouco sobre o trabalho deles.

**Será porque se diz que a obra fala por si?**

De facto, a obra também fala por si. Mas por exemplo: hoje existe uma grande pléiade de artistas cujo fundamento do trabalho deles é a arma teórica. Portanto, mandam um cuspo para o chão e inventam mil e uma teorias sobre isso. É arte e pronto. Na arte as coisas são mais ou menos assim: como todo o artista é soberano naquilo que faz, aparecem mil e uma tretas dessa natureza. Eu continuo a acreditar nisto: que o exercício manual é que impera, é que mostra, de facto, quem é quem. É como jogar futebol, onde o que



## Com Mito Elias



importa é marcar golos e não estar sempre a falar dos golos.

**Obviamente é importante marcar esses golos, é importante o fazer. Mas também é importante reflectir e promover o desenvolvimento de uma crítica, que não existe em Cabo Verde.**

Pois, mas eu não sou a pessoa mais certa para estar a reflectir sobre o pensamento artístico e sobre a arte. O meu caminho na arte não é esse. Não é, pela minha formação e também não é pela ambição. Ou seja, eu não ambiciono ser um teórico de arte. A teoria na arte para mim é algo que aparece de forma muito lateral e soslaia. O que me interessa de facto é esta pintura, é o extremo e intenso exercício da manualidade. E fazer as coisas bem feitas.

**Do ponto de vista imagético, se virmos a componente cromática do teu percurso, parece claro que és um artista onde os**

**castanhos dominam. Isso está mais relacionado com a paisagem de Cabo Verde, com a sua história ou foi algo que foi surgindo por acaso?**

Foi algo que foi surgindo por acaso. Para já, começou por uma limitação monetária e técnica. E depois foi-se transformando num estilo próprio. E hoje não me consigo libertar muito disto. Estou entre os azuis e os castanhos, ora vou para uns ora vou para outros. Limito o meu lado cromático por uma questão de princípio, é quase como que uma lei que me imponho.

**Além da pintura, tens desenvolvido trabalhos na área do vídeo, da ilustração. Consideras-te um poeta visual?**

Pode ser. Mas mais do que tudo considero-me um artista.

**O vídeo é hoje claramente uma paixão tua...**

*Gostaria que os artistas em Cabo Verde reflectissem também o lado humano da criação.*

O vídeo surgiu porque eu queria um filme que apresentasse o meu trabalho, não consegui encontrar ninguém que mo fizesse e tive que tomar as rédeas à coisa e fazer eu mesmo.

**Mas neste momento o vídeo é um meio de expressão que tu usas, enquanto artista?**

Neste momento, é. Mas desde muito cedo que sempre me fui expressando das mais variadas formas. Até porque em Cabo Verde não havia muita coisa.

## Um espaço por preencher

**O espaço vazio que era Cabo Verde, como um lugar propiciador para a criação artística, não foi algo também altamente motivador para o desenvolvimento de uma**

**certa criatividade?**

Sem dúvida. Em Cabo Verde não havia mesmo nada. Agora, também não existe muita coisa. Existem mais armantes do que propriamente coisa feita. Eu quando vejo para trás e olho para mim, penso que andei a semear durante muito tempo num terreno baldio e hoje vejo coisas a despontar.

**Isso é algo de positivo, não? Deve-te orgulhar.**

Orgulha-me muito. Mas sabes, a convivência com estas coisas não é pacífica. Eu gostaria que os artistas em Cabo Verde reflectissem também o lado humano da criação. O problema é que o palco é pequeno e há muitos a quererem ser actores. Tu melhor do que ninguém sabes disso.

**Até que ponto equilibras os teus referenciais, tendo em conta que vives num bairro como o Bairro Alto, em Lisboa, sendo oriundo e tendo-te formado numa cidade como a Praia?**

Para falar a verdade não estou a pintar nada de substancialmente diferente daquilo que já fazia em Cabo Verde. Vou reciclando as coisas de forma diferente. Mas a base é mais ou menos o desenho. Mas o ambiente do bairro influencia, sem dúvida. Neste momento, já que perguntas, posso dizer-te que procuro novos caminhos.

**Não é um problema profundo que as pessoas que pretendem ser artistas se interessem tão pouco por ler mais, estudar mais, saber mais?**

É um problema grave porque em Cabo Verde ninguém chama ninguém à responsabilidade das coisas. As pessoas não têm respeito pelas nossas grandes referências, como é o caso, por exemplo, do Manuel Figueira. É o drama do colonizado. Querem ser capatazes antes de serem aprendizes. Isso é terrível. Há uma tensão medíocre.

## Respeito versus arrogância

**Como é que se sai desse círculo vicioso?**

Sinceramente, não sei. Eu tenho feito o meu papel. Desde 95 tenho ido a Cabo Verde com exposições periódicas e outras manifestações culturais. E com muita oposição. Não só de colegas, mas também de agentes culturais e até de instituições. O meu papel é fazer isto. Este é o meu trabalho e mostro-o com todo o amor e carinho.

**Tens a noção de que há muita gente que te considera uma pessoa arrogante?**

Mas lá está, não sou. Não sou. Sou apenas um defensor do meu trabalho. Não sou arrogante, apenas quero respeito. Eu sou o único artista de Cabo Verde – e isso digo à boca cheia – que fala dos seus próprios colegas. A prova é que os meus vídeos, todos eles, falam dos meus colegas, todos. Falam da Mizá, do Pedro Moreno, do Mário Lúcio, do Vasco Martins, do Tchalé Figueira, do José Luiz Tavares, do Boy Ge Mendes. Todos os meus vídeos! É um grande abraço, dado com grande carinho. É uma forma de mostrar que estou com as pessoas dentro de um movimento que quer fazer arte em Cabo Verde. É partilhar. A vida não é só o que pintas. Há o lado humano, que tem que ser mais valorizado. “No tem ke ter karim pa kompanher. E más amizadi”.